

N. S.^{ra} DO MONTE. — VISTA TOMADA DO CAMPO DE S.^{ta} ANNA.

A COLINA denominada da Senhora do Monte, ao norte da outra mais eminente em que está situado o castello, e quasi na mesma direcção contigua pelas faldas á da Penha de França, tem de altura 300 pés proximoamente sobre o nivel do mar: a corôa é occupada por um terreiro ensombrado d'arvores, guarnecido de um parapeito quasi semicircular, em frente da ermida da Senhora, a qual occupa a parte do nascente, com a porta principal e seu alpendre olhando para o poente. O cabeço é todo escarpado desde o alicerce do parapeito até a raiz do monte povoada de casaria, o que não obsta a ser cultivado de searas e algumas oliveiras, e sulcado de ingremes trilhos de pé posto e má serventia, alem dos quaes é seu geral accesso a calçada aspera, extensa, e empinada que parte das Olarias, a que é sobreposta outra na direcção de sul a norte. Começa no angulo que formam as duas a travessa do Monte, que vem parar ao largo da portaria da Graça, e é a melhor entrada para este local. — No alto ha uma cisterna com a porta resguardada por grade de ferro e aberta n'um lado da pequena cupula de alvenaria, superior ao nivel do chão: ahi mesmo mais ao norte, defronte da igreja, está erguida uma pyramide apoucada, e na face do sul lê-se mal uma breve inscripção latina, por ter letras gastas e outras lascadas, ainda que modernas; porem o sentido é que naquelle local tiveram primeiro estabelecimento em Lisboa no anno 1148 os eremitas de St.^o Agostinho. No cunhal da ermida correspondente á boca da calçada está outra inscripção na mesma lingua, que declara terem os augustinianos plantado o arvoredo para recreio dos habitantes da cidade e ornamento do sitio; começa — *Patriæ, civibus et urbi &c.*, e termina com a da-

ta de 1815. É magestosa desta altura a dilatada vista de Lisboa, do Tejo, e d'alguns arrabaldes, menos para nascente por causa do edificio.

A igreja antiga foi totalmente arruinada pelo terremoto; mas logo se tratou de levantar a que ora subsiste; por esse tempo se lavrou provavelmente a inscripção da pequena pyramide collocada onde dissemos, e a data de 1148 indica a pertença que sustentavam os eremitas, a que chamavamos graciosos, de ser a sua a primeira ordem religiosa que em Lisboa tomou pé, estabelecendo-se nos primeiros mezes da conquista e ainda primeiro que os Conegos Regrantes, como Fr. Antonio da Purificação procura provar na Chronica da Ordem com razões que não vem ao nosso intento. Certo é que os mesmos padres tiveram uma pequena casa na ladeira baixa desta eminencia e da banda do norte, porque dahi transferiram a morada em 1243 para outra que na cima lhes fundou uma D. Suzana, proprietaria do monte, fazendo-lhes doação deste e d'uma herdade que tinha a S. Vicente de fóra: daqui passaram depois para o amplo convento da Graça (*) que construíram no monte visinho, conservando todavia a posse e administração do eremiterio de S. Gens, nome que tomára do primitivo na raiz da eminencia, e proviéra do santo do mesmo nome, que alguns pertendem que seja o S. Genesio, que o martyrologio romano traz a 11 de outubro, o mesmo que S. Gines dos castelhanos, martyrisado na perseguição de Diocleciano; outros o fazem portuguez e bispo de Lisboa. A respeito da cadeira de S. Gens, onde dizem que descansava quando fazia prégacao ao povo, diz o P.^o J. B. de Castro [no M. de Portug.] que — é mais venerada

(*) Vid. a pag. 246 do 4.^o vol. da Serie 1.^a

depois que a rainha D. Maria Anna de Austria lhe mandou pôr grades de ferro á roda, vindo sentar-se nella em 1723, para ser bem succedida no parto, segundo a inveterada fé das matronas lisboenses. — Hoje conserva-se n'uma casinha com sua porta, dentro da igreja, entre a porta principal e a travessa, do lado da epistola.

A invocação propria da Sr.^a do Monte é N. Sr.^a da Visitação, e dahi vem que em veneração deste titulo, nas segundas feiras de junho anteriores a 24, nascimento do Baptista, praticava o povo de Lisboa, principalmente mulheres, a seguinte usança, que achámos no chronista Fr. Antonio da Purificação, L.^o 5.^o tit.^o 3.^o § 21 — «depois que cada devoto faz sua oração nesta ermida, se torna a sahir della, e tomando pela parte esquerda a vai cercando em roda até chegar pela parte direita á mesma estancia donde havia começado o circulo. E feito este primeiro circulo prosegue logo a fazer o segundo, e assim continúa até fazer nove circulos; e acabados elles torna a entrar na ermida e offerece á Virgem Senhora nossa aquelles passos, tomando-a por advogada para suas necessidades.»

Referem auctores, entre elles D. Rodrigo da Cunha, Cat. dos B. de Lisboa, p. 1.^a cap. 32, que, conquistada a cidade pelos mouros, durante a dominação delles em tres logares se conservou, como em Cedofeita no Porto (::), o exercicio do culto catholico, a saber, no templo de Santos o Velho, no de S. Felix em Chellas, e no monte de S. Gens, de que acabamos de tratar.

PHENOMENO MORAL EXPLICADO.

Differença característica, entre a meia idade, e a idade actual.

Nós já tivemos occasião d'escrever n'outro logar, dizendo que a meia idade tem sido grandemente calumniada: mais afastada de nossos conhecimentos historicos usuaes, desconhecida quasi geralmente, ou conhecida apenas pelos factos estrondosos, violentos, despoticos, dos costumes e idéas da epocha, só deixa perceber seu caracter nobre, sua crença firme e acalorada, sua honradez e lealdade, e aquelle brioso e venerando sacramento cavalheiresco da *palavra dada*, aos que se tem dado com perseverança ao improprio estudo de profundar-lhe o espirito, e de fixar o caracter desta epocha, estranhamente heroica, da historia moderna. Quereis saber a razão daquelle conceito depressor, injusto e banal, que só avalia a meia idade pela rudeza dos costumes, pelas expoliações da profissão militar, pelas desordens da anarchia? É que, segundo disse um auctor muito espirituoso: — *Ou a historia é uma tóla, ou tólos tem sido aquelles que no-la transmiltiram.* — Os acontecimentos ruidosos, a queda dos imperios, as batalhas, as invasões, e todas as demais calamidades que excitam a attenção ou o espanto, os abusos do grande poder, as conquistas com que a fortuna coroou a ambição, e a valentia d'um chefe ousado, as violencias e os crimes audaciosos dos povos ou dos individuos gravam-se na memoria, escrevem-se, entalham-se nas pedras, nos monumentos da vaidade; ao mesmo passo que as virtudes pacificas, o merito privado, os actos de beneficencia, de pia e de generosa caridade, ficam ommissos, escapam-se da lembrança dos ho-

(::) Vid. a pag. 169 do 1.^o vol. da presente Serie.

mens, e nem a penna nem o buril se occupa delles.

Já se vê por este preambulo que nós não partilhámos nenhuma das duas seitas muito communs dos escriptores, dos entendedores do nosso tempo: nós nem somos dos *sentimentalistas* que professam aversão systematica áquella epocha de rudeza, ignorancia, e violencia, nem dos *enthusiastas* que só vêem nella as proezas da brilhante cavallaria, o amparo dos desvalidos, a nobreza de suas expedições, a dedicação heroica aos creditos de sua pessoa e ao pondonor nacional: estes ao menos tem por desculpa o brillantismo da imaginação, a belleza sympathica da poesia, a remontada figura dos Tancredos de Tasso, e dos doze d'Inglaterra de Camões.

Collocados no meio termo, seguiremos a temperança pausada e fria da verdade historica; e sem visarmos a profundar em seu todo esta vasta e emaranhada campina, que não cabe isso em curtas paginas, fixaremos aqui sómente o seu caracter moral, o seu typo particular, o seu cunho distincto, segundo o qual fica sendo facil depois explicar e apreciar os acontecimentos historicos, que della derivam. A fixação, a determinação daquelle typo é muito importante, é transcendente porque apresenta o principio dominante nos successos daquelle epocha em toda a Europa: foi a origem de tudo o que vemos, e que possuímos e gozamos; naquelle embrião universal estava toda a civilização moderna.

Deixemos esses seculos de reconstrução social, em que nada estava feito, e tudo se achava n'um cahos provisório para sahir dahi mais tarde uma sociedade nova. Fallámos das invasões dos povos do norte, que aniquillaram a sociedade, familia antiga romana: passemos por alto essa longa serie de lutas, a acção e reacção dos conquistadores entre si; aproximemo-nos da sociedade nova, constituida sobre o amalgama da fusão dos costumes dos germanos com os usos, costumes, e instituições locais dos povos conquistados; estabeleçamo-nos no meio da feudalidade dos seculos 11, 12 e 13, em que já vemos um systema de governo, uma vida social abraçada; e procuremos descobrir abi o seu espirito, o seu caracter moral.

Aos que attentamente reflectem nos costumes, nas instituições desta epocha memoravel, duas cousas sobresaem principalmente: a fraqueza do principio politico; a força, a tenacidade do principio moral. Expliquemo-nos: o vinculo da obediencia que devia ligar os governados ao poder e auctoridade do governante era debil e limitado. Desde as primeiras invasões germanicas que os cabos daquellas hordas guerreiras se costumaram a contemplar o rei como um commandante, um chefe, companheiro d'armas, socio e camarada, antes do que supremo moderador. A vida bellicosa destes conquistadores, a necessidade de ter promptos estes diversos commandantes militares, fez que os reis repartissem com elles as terras novamente ganhas; e dahi o solo dividido em pequenas soberanias, que apenas tributavam ao rei — *foi et homage* — para o acompanharem nas expedições militares; tendo em certos casos o direito de desobedecer-lhe e guerrear-lo. Destes costumes, e desta necessidade nasceu o direito feudal, que reduziu a systema esta anarchia governativa. No fim do seculo 10 começaram as expedições contra os sarracenos, e as cruzadas, nascidas do pondonor guerrei-

ro e christão que se apoderou facilmente de todas as imaginações, dominadas pelo principio religioso; e dahi o espirito de cavallaria, que durou até ao seculo 14 inclusivamente. A prerogativa real ia ganhando terreno pelos principios novamente descobertos nas leis romanas, mas o fundo do systema era o mesmo.

Ora já se vê que n'um similhante estado de cousas, em que os homens livres eram poucos e fracos, em que quasi tudo se cifrava em senhores do territorio e seus colonos, ou escravos; em que tudo se passava ou nas licenciosas e violentas guerras internas, ou na ociosidade e moleza do solar, ou castello senhorial, os costumes não podiam ser puros, nem as maneiras decentes e delicadas. Dahi esses repugnantes exemplos de destruições barbaras e brutaes, de raptos femininos, de violação da clausura monastica, e de todos esses procedimentos despoticos, nascidos da prepotencia sem freio. Nossas historias estão cheias destes attentados, e basta percorrer o livro velho das Linhagens para encontrar a cada pagina — mulheres rouçadas, — cavalleiros mortos nas lides e parcialidades de familia — casamentos bigamos — e bastardos d'origem damnada, e sacrilega. Todos estes crimes, toda esta desordem de costumes era parcial; grassava principalmente nas classes elevadas; alimentada pela violencia da vida guerreira, ou pelo ocio e moleza da paz. O coração estava corrompido, a justiça sem força; e a opinião, este freio salutar de nossos costumes actuaes, não era mais poderosa do que as leis.

Ao lado porem deste espectaculo, deste repugnante painel, estavam as crenças e convicções mores que conservavam a parte espiritual da sociedade n'um estado fixo, permanente, e assaz forte e vigoroso para revocar os homens a um centro commum, quando as paixões se acalmavam. A corrupção daquella epocha estava mais nos corações do que nos espiritos: e assim, quando as desordens e os desvios, nascidos pela maior parte do defeito das instituições politicas, arrefeciam de seu fervor, as crenças communs restabeleciam, como por encantamento, a ordem perturbada, e traziam os homens ao centro da unidade. A religião com effeito era naquelles tempos o principio vital das sociedades, ella suppria a insufficiencia das leis, a falta de cultura e civilisação, a fraqueza da auctoridade, e a ausencia do direito publico.

Daqui a grande preponderancia do chefe da igreja, que espanta hoje os ignorantes da historia. Sendo a religião o unico vinculo que então reconheciam e respeitavam os homens, que muito é tomarse e exercerse uma salutar supremacia aquelle que se interpunha sempre no meio das desordens publicas, chamando ao trilho os vassallos e os reis?

J. C. N. e C.

ECONOMIA POLITICA.

Considerações sobre o Curso d'Economia Politica do Sr. Miguel Chevalier.

IX.

Sobre a exportação dos cereaes com melhor fundamento se poderia instaurar o systema exclusivamente agricola, porque elles constituem o principal artigo da nossa producção, e o seu valor exce-

de ao do vinho, e muito ao de qualquer outro producto nosso ou de lavra, ou de fabrico. Mas os cereaes chegam para nós — grande conquista, sem dúvida, e immenso beneficio, á liberdade o devemos! — chegam para nós: não sobejam. Não sobejam, quero dizer, a ponto de nos tornar nação exportadora de trigo; porque esse, que desde 1838 temos exportado, póde servir de reforço aos argumentos incontrastaveis do crescimento da agricultura, mas não é motivo sufficiente para que ou agora ou no futuro nos possamos considerar celleiro das nações escaças de pão. A não ser Inglaterra, mui poucos são hoje ou nenhuns os paizes civilizados onde se nota esta escacez permanente causada da incultura ou ingratitude do solo, ou do crescimento da população; não a *accidental*, occasionada das influencias meteorologicas, a que estão expostos os terrenos ainda os mais ferteis; porque quasi todos os estados produzem ou diligenciam produzir o bastante á alimentação nacional. A propria Hollanda, terra classica do commercio livre, ainda ha pouco restringiu a importação de cereaes com intento de proteger a sua agricultura contra a concurrencia estrangeira. E os portos do Baltico mais cerealeiros tem decabido da sua antiga importancia. Presentindo um sobrecellente de pão em toda a Europa, os governos preunidos contra a invasão d'elle, vão circumvallando-se com aquellas mesmas restricções que já adoptou, e hoje guerreia Inglaterra. E não é a mancheia de trigo que nos póde sobrar do nosso consumo interno, a que nos ha-de supprir das faltas a que nos arriscamos, se abdicarmos toda a industria que não seja agricultura: pois para poder florecer pela exportação dos cereaes, fóra mister que vencessemos em fertilidade os terrenos proximos ao Baltico, e conseguissemos rivalisar em barateza com os trigos de Odessa e do Adriatico.

Com isto não pertendo, longe de mim, affirmar que devemos de todo renunciar á exportação do trigo: algum temos já exportado, e mais poderemos ainda exportar: propugno — que pelas rasões apontadas o commercio e riqueza deste genero o havemos de firmar no mercado domestico, não no estrangeiro.

O vinho é o nosso mais valioso artigo de commutação externa; se bem que, como já adverti, a riqueza principal deste artigo estriba no consumo nacional. O sal é o producto das nossas minas que mais nos rende, e se exporta em maior quantidade, e que pela sua excellencia e a variedade das suas applicações promete extracção, superior ainda á que tem: mas o valor dessa extracção é mui diminuto para que nos possa exalçar a nação exportadora, ou que tira o seu maior rendimento do commercio externo. O azeite é um genero precioso dos que levamos ao mercado estrangeiro: a plantação de oliveiras nos baldios e terrenos incultos, especialmente nos mais visinhos da costa, pois parecem ser os mais sympathicos a esta arvore, seria medíada recommendavel: mas a exportação deste como dos outros artigos não nos ministra rendimento que nos exima de recorrer a outras fontes de producção alem da agricola e commercial. E que nos não dispensam de recorrer ás artes fabris é o alvo onde eu quero chegar, e hãode chegar quantos reflectirem que não é nos paizes estrangeiros, é no nosso que encontram mais consideravel procura os artigos principaes da nossa exportação — que convem muito entender-lhe esse mercado tão importante — e que um

dos expedientes mais azados a estende-lo é o estabelecimento das fabricas.

Não nos seria prejudicial termos productos agricolas de muito valor, cujo consumo fosse, na maior parte, ou quasi todo, externo: mas a verdade é que os não temos, e á excepção do sal, o grande consumidor de todos os outros é Portugal. Sobre este facto devemos pois assentar o nosso systema economico, as nossas attentões devem concentrar-se mais no mercado nacional: nelle está a maior e mais certa freguezia dos nossos productos: somos obrigados a especular todos os meios de engrandecello: o que não obsta a que ao mesmo tempo procuremos alargar a esfera do mercado externo.

E não só a peculiaridade da nossa situação economica, tambem as regras da prudencia nos aconselham este passo. Estamos vendo em toda a Europa, e nas mais partes do mundo civilizado a produção a crescer n'uma progressão constante, e ao mesmo tempo as nações repellindo por todos os modos, para que não irroguem damno á industria domestica, aquelles productos alheios que podem escusar. Cada paiz trata de supprir-se de objectos de alimento e vestuario no seu mercado interno, e de fornecer esse mercado de artigos indigenas. O commercio externo continua, e até augmenta n'outros ramos: mas neste, que toca aos artigos que formam a base essencial da existencia e subsistencia dos povos, propende a diminuir. Eu não assevero que esta marcha seja a mais para desejar, que esta vasta cadeia de restricções seja favoravel ao progresso da riqueza universal; mas digo que o nosso braço não é omnipotente que a estorve, e que havemos de curvar-nos ás condições que ella nos impõe, e segui-la, produzindo nós mesmos os objectos mais necessarios, pelo menos, ao nosso sustento e commodo.

Nem podemos, nem nos conviria seguramente, abarcar o circulo inteiro da industria, vedando as portas a toda a permutação com outras nações; nenhuma ha que produza quanto consomme na rotação do anno: ha, pelo contrario certos objectos com que o clima ou outras circumstancias singulares privilegiam certos paizes, e por causa delles, por mais restrictivo que seja o systema de cada um em particular, nunca cessará o trafico mutuo entre os povos. Mas uma divisão do trabalho tão perfeita e symetrica que distribua a cada povo uma unica e exclusiva tarefa industrial; uma lei que diga a este «tu serás agricultor sómente»; — a outro «tu serás fabricante, mas ficas tolhido de exercer qualquer outra industria»; — a aquelle «tu serás commerciante, mas nem de agricultura nem de artes fabris te hasde occupar» — uma tal divisão do trabalho digo que é quimerica, uma lei semelhante digo que é absurda e inexequivel, no estado presente; pois do futuro ou das mudanças sociaes e economicas, que estão ainda no areano das contingencias, não pretendo cogitar.

Se a divisão do trabalho levada a este auge, não passa, por ora, de uma idealidade, presumiremos nós realisa-la? Com que esperanza ou com que vantagem nos tornaremos excentricos ao movimento industrial de todos os povos? E digo — de todos; porque nesse numero conto a propria Inglaterra. Inglaterra professa-se a nação fabril por primazia; mas ainda não disse que para se conformar ao principio da divisão do trabalho, deixaria de ser nação agricola, largando inteiramente a cultura das suas terras. Deseja, sim, franquear os seus portos aos

cereaes estrangeiros; mas porque o deseja? porque não tem pão para o consumo dos seus habitantes, e, mais que tudo, porque á sombra dessa franquia pretende introduzir e vender no continente os seus artefactos estagnados por falta de compradores. Deseja isto, e acaba de declarar pelo modo mais solenne que póde exprimir-se uma tal nação, pelo inquerito industrial de 1840, acaba de declarar que aspira a ser o unico paiz manufactureiro na Europa, adjudicando ao continente nesta partilha leonina o lote da agricultura. Onde está a reciprocidade neste contrato, e a igualdade nesta divisão? Inglaterra, povo de 28 milhões de habitantes propõe ao continente, mercado de 202 milhões de consumidores, bastece-lo de artefactos, e em compensação offerece á sua agricultura o mercado britannico, o qual, no que pertence a cereaes, apenas se compõe de 28 milhões de consumidores, não em todo o anno, mas em duas semanas sómente, no decurso de 365 dias, que para essas, e incompletas, lhes falta o pão (*). Offerece [ou intenta offerecer] o mercado britannico aos cereaes do continente, mas não faz igual offerta aos vinhos, porque estes grava-os com 200 e 300 por cento de direitos de entrada sobre o seu valor, em vez de lh'a conceder franca, ou impedida unicamente por direitos proporcionaes aos que pede para as suas manufacturas serem admittidas nos outros estados. Com taes eondições não é de esperar que o continente consinta em trancar as portas dos seus estabelecimentos fabris, porque nem para tamanho sacrificio haveria indemnisação, segundo notámos; nem que a houvesse, se concebe como, ainda com grave transtorno, seria praticavel a mudança, ou passagem para outro emprego, de capitaes, de homens, de habitos, e de interesses ligados á industria, por esta forma immolada.

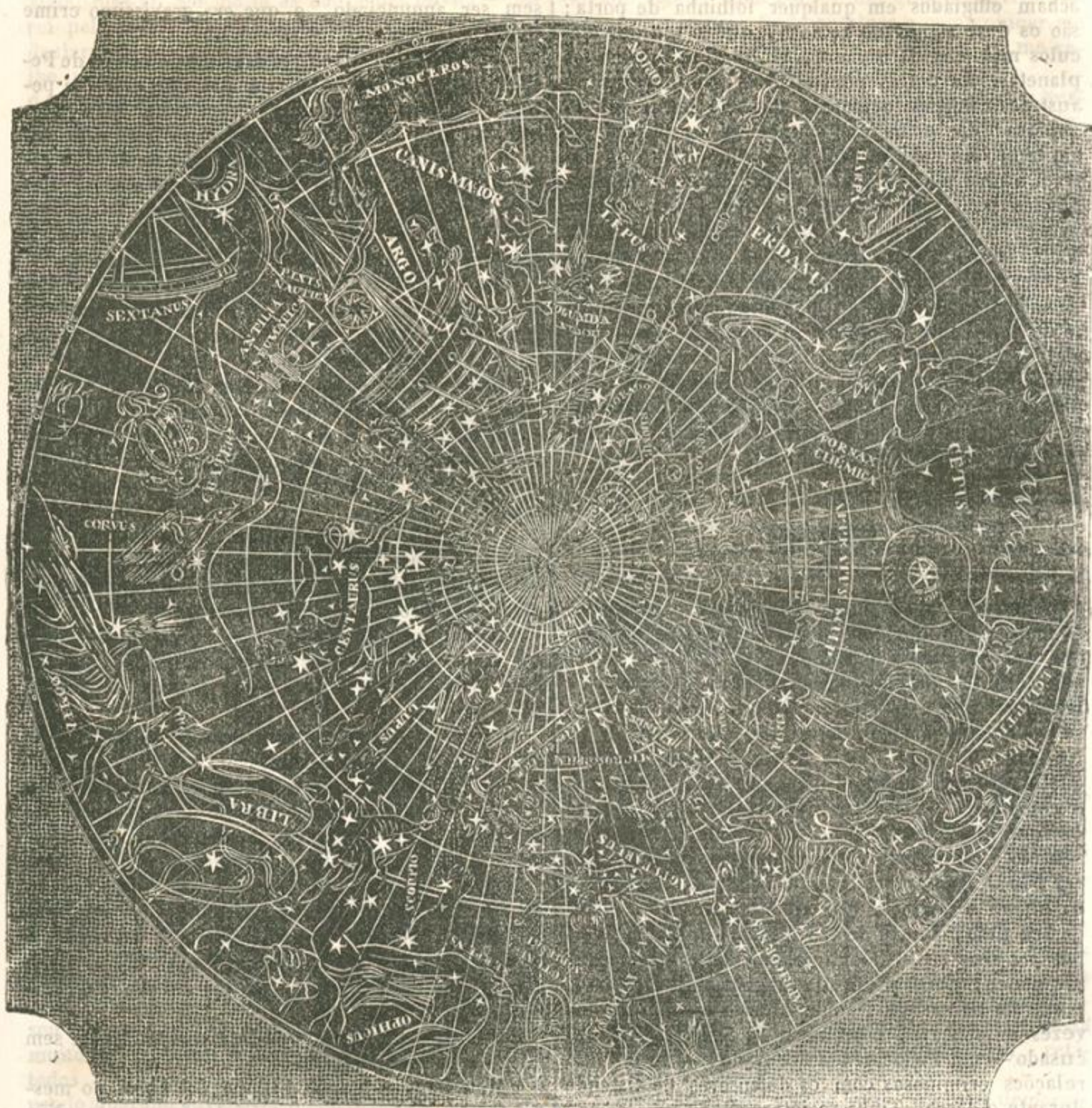
(Continuar-se-ha.)

A. d'O. Marreca.

A SATYRA é a linguagem da inveja e tanto mais abominavel que todos se inclinam a crer o satyrico sempre malevolo; e como se persuadem que não poupa vivos, nem perdoa a mortos, todos o aborrecem e contra elle conspiram; e quando assim não fosse, sempre deveria ser dotado de são e puros costumes, porque na realidade nada é mais odioso que um satyrico dissoluto, que censura vicios alheios, ou suppõe defeitos a seus emulos: se acaso julga permittido tudo, porque sabe com sal maligno adubar os seus epigrammas, pela mesma razão póde um espadachim accommetter e insultar os homens mais circumspectos e honrados... Comparo o satyrico ao macaco, porque só se empenha em divertir os outros; e no meu conceito como este deveria ser tratado; um instante faz rir, mas logo enfastia, e quasi sempre é espancado e expulso. — *Pedegache na Vid. do Quila.*

Troca por troca. — Os povos que antigamente se tinham em conta de unicos civilizados eram os gregos e romanos, depois dos egypcios e phenicios; e deixaram a designação de *barbaros* para todos os outros que conheciam. — Os selvagens do norte da America tambem chamam *barbaros* aos europeus: os groelandezes ao norte da Europa usam da mesma linguagem.

(*) *Pebrer Statistique &c.* tom. 2.^o pag. 21 — traducção franceza. — Paris 1839.



O ZODIACO.

DE CERTO que não haverá homem que, ao encaminhar a vista para a abobada celeste, ao contemplar a multidão de corpos luminosos que povoam o espaço, deixe de sentir desejos de conhecer a natureza desses globos, pequenos na apparencia, e que sob a fórma de pontos mais ou menos resplandecentes deleitam os olhos ao mesmo tempo que confundem o entendimento.

Todos os esforços dos astrónomos para medir a distancia que do globo que habitámos sepára as estrellas tem sido pela maior parte infructuosos: medeam entre nós e ellas tantos milhões de leguas, que mal pôde comprehender-se o numero. Veja-se a este respeito a «idéa facil do systema do mundo» que deixámos escripta a pag. 131 do vol. 2.º da 1.ª Serie.

Dividiram as estrellas em duas classes, chamando de primeira grandeza as que tem brilho superior; de segunda grandeza as que brilham immediatamente menos e assim successivamente. As de sexta grandeza ainda são perceptíveis á vista simples, mas dahi para diante só podem distinguir-se com o auxilio do telescópio. Os astrónomos, para se não ve-

rem confusos com tamanha multidão de astros e poderem facilmente delinea-los nas cartas celestes, onde se dêsse com a respectiva situação ao primeiro lanço d'olhos, as coordenaram em grupos ou constellações.

Como os antigos conheciam menos estrellas, em rasão do pouco que estavam exploradas diversas partes do mundo, dividiram o céu em menos constellações do que tem a moderna divisão. A par dos progressos da navegação e do aperfeiçãoamento do telescópio caminhou a astronomia; e hoje não haverá estrella, por pouco importante que seja, que não esteja comprehendida em alguma das constellações. Estas são zodiacaes, boreaes, e austraes, segundo a posição que occupam no firmamento, e o hemispherio a que correspondem. Os antigos para representação do giro que nos parece que o sol descreve annualmente no céu por entre as estrellas, traçaram doze figuras em cujo ambito e contornos metteram as estrellas das doze constellações por meio das quaes o sol tem de passar apparentemente: e deram-lhe os nomes de Aries, Tauro, e os outros que são bem sabidos, cujos symbolos se

acham effigiados em qualquer folhinha de porta; são os doze signos do zodiaco, que é um dos circulos maximos da esphera, no qual se movem os planetas. As outras constellações são boreaes ou austraes conforme demoram ao norte ou ao sul do zodiaco: das primeiras conheciam os antigos [já em tempo do celebre Ptolomeu] vinte, em que entram a ursa maior, a ursa menor &c. —: das segundas contavam quatorze, sendo destas o cão maior, o cão menor, a balea, orion &c.: tanto n'uma como n'outra situação os modernos descobriram e figuraram grande numero dellas, que não mencionaremos, porque tratar larga e profundamente de similhante assumpto so cabe em obra especial, e methodica. Taes e tantas são as estupendas maravilhas dos céus que ninguem deixará de reconhecer o Supremo Auctor, dizendo com o psalmista: — os céus narram a gloria do Senhor, e o firmamento annuncia as suas obras.

O BRAZEIRO.

II.

«DIGNE-SE V. M. attender-me — disse o monge. — O mais velho dos dois moços chamava-se Sancho: era um cavalheiro perfeito, viva imagem de seu pai; cabellos pretos, faces coradas, olhos vivos e soberbos, alto e esbelto. . . Oh! se Deus lhe tivesse prolongado a vida, havia ter feito fallar de si. Na idade de vinte e dois annos já tinha todas as qualidades que adornam um guerreiro. Serviu sob o commando de Antonio Spinola na Flandres, no exercito que tomou a praça de Ostende, que havia reistido a um assedio de tres annos e um mez. Era em 1604. Que alegria para o conde de Peñacerrada e para a condeça, que ainda então vivia, quando seu filho, depois de tão dilatada ausencia, voltou aos seus lares. Mas infelizmente a alegria durou pouco: chegam um dia magistrados e esbirros e entram no castello, onde Affonso o sabio muitas vezes descancára, e prendem D. Sancho. Era accusado — um Peñacerrada accusado! — de ter tido relações criminosas com os defensores de Ostende durante o cerco. Tinha-se interceptado uma carta, ainda que sem assignatura, cuja letra parecia ser de D. Sancho; e apesar de negar constantemente, o crime foi dado por provado e D. Sancho condemnado á morte.

No dia destinado para a execução tinha-se o conde encerrado no seu palacio de Madrid, quando recebe uma carta de um official das guardas Walongas, na qual, cedendo á voz da consciencia, se accusava do crime attribuido a D. Sancho, e declarava que em castigo se ia suicidar com um tiro de pistola.

Sobresaltado, fóra de si, o conde corre ao paço, e com impaciencia febril [levado da dôr pungente de um pai] rompe pelas guardas até ao quarto onde elrei estava. Vossa Magestade era este rei, lembrar-se-ha disto? Estava assentado na sua cadeira como ainda agora no mesmo logar. O cardeal duque de Lerma estava ao pé de V. M., e a pouca distancia o primeiro secretario D. Rodrigo Calderom.

O conde deitou-se aos pés d'elrei, mas a sua perturbação era tão grande que não pôde proferir uma só palavra. Foi então que V. M., com frieza severa e tom de soberano, lhe perguntou quem era, e como se podia atrever a entrar na camara real

sem ser annuciado, o que era gravissimo crime contra a etiqueta.

«Senhor — exclamou em lagrimas o conde de Peñacerrada — tenha dó de um pai que está em perigo de perder seu filho. Querem matar meu filho. Senhor, meu filho é innocente; aqui está a prova.

E o conde com mão tremula appresentava a elrei a carta do official das guardas Walongas. Mas elrei immovel respondeu: O mordomo do palacio recebe todas as petições para elrei; retirai-vos, e entregai-lhe a vossa. Ao depois será examinada.

«Ao depois! É de presumir que o conde de Peñacerrada, leal vassallo, não estava senhor de si quando se atreveu a dizer a elrei: Já, senhor, deve-se já decidir este objecto, porque. . . ouvis a campainha? [e a campainha com effeito já se ouvia tocar]. As badaladas daquella campainha acompanhavam meu filho á morte. Ouvis a ladainha? São as vozes dos penitentes que acompanham meu infeliz filho a quem levam para o cadafalso, e que está innocente, senhor.

Assim fallando o conde abraçou os joelhos d'elrei, arrastou-se aos pés do cardeal, duque de Lerma, implorou até a D. Rodrigo Calderon o desprezível aventureiro, e a ambos disse:

«Meus presados senhores, uni os vossos rogos aos meus para que elrei assigne o perdão de meu filho. Uma penna! Tinta! Em poucos minutos já não é tempo.

O cardeal e o secretario ficaram mudos como vós, senhor. Apesar disso V. M. parecia commovido, e o conde se aproveitou deste momento para lhe dar na mão a carta, prova da innocencia de seu filho, e até se atreveu a tomar uma penna da mesa e appresentar-lh'a. Porem então D. Rodrigo Calderon, o mesmo D. Rodrigo que V. M. acaba de encerrar na torre de Segovia, disse em voz quasi sumida: Senhor, só ao presidente do conselho de Castella pertence appresentar a V. M. a penna com que hade assignar o perdão de um condemnado.»

«E elrei o que disse?» — Interrompeu Isabel sem folego e na maior agitação.

«Meu Deus — bradou Filippe 3.º quasi ao mesmo tempo. — Não sei o que sinto de repente. Não achais que este quarto está frio?» Ninguem respondeu, e elrei accrescentou: «O vento de março asopra pela janella, e eu sinto-me gelado. O brazeiro está quasi apagado. Agora, reverendo, continuai a vossa historia.»

«Estou prompto; mas V. M. parece soffrer mais e talvez seria conveniente o fim della para outra occasião.» — «De modo nenhum, é só frio, continuai.»

«Sim — disse a princeza — continuai: o que disse elrei quando D. Rodrigo assim fallou?»

Fr. Ambrosio por um momento observou Filippe 3.º para ver se notava algum signal de perturbação no seu rosto; depois continuou com voz de homem que conta uma historia ordinaria; —

Elrei recordado de uma regra de que talvez se ia esquecendo, agradeceu com uma inclinação de cabeça a D. Rodrigo, e disse-lhe: É verdade, mandai procurar D. Vicente Gonzaga.

É impossivel pintar a impressão que vislumbra-va nos rostos de todos os circumstantes. O monge fez uma pausa, durante a qual se lhe podia ouvir bater o coração no peito; e depois proseguiu: «Quando appareceu o presidente do conselho de Castella a campainha e a ladainha já mal se ou-

viam, mas D. Sancho já as não podia ouvir. — Elrei pela sua summa benignidade serviu-se fazer a declaração da sua innocencia; mas ella já de nada lhe servia. — Agora, senhor, contarei a historia do segundo Peñacerrada?»

«Suspendei — disse elrei — isso é muito triste. Não sabeis outra cousa?»

«Ah! — exclamou a princeza das Asturias com o tom que uma dama joven e bella nunca emprega inutilmente — permitta V. M. que o padre acabe a sua historia. Interessa-me no ultimo ponto, e demais é preciso que eu aprenda as cousas d'Hespanha e os usos da sua côrte.»

Elrei rendeu-se, e com um aceno ordenou ao monge que continuasse. — «Depois do assassinio de seu filho Sancho, o conde resolveu passar com seu filho Fernando o resto de seus dias no castello da serra de Guadarrama. A magoa levára á morte a condeça quando soube da infeliz sorte do seu primogenito. Nesta epocha D. Fernando era moço de doze annos: e o conde, que se sentia envelhecer, desejou naturalmente conservar ao menos um filho, que lhe podesse algum tanto mitigar a dôr e cerrar-lhe os olhos. Por isso o conde havia promettido que nunca, em quanto elle vivesse, havia de algum Peñacerrada apparecer na côrte ou servir no exercito. Fez jurar ao seu tenro filho, sobre o cadaver mutilado de D. Sancho, que recusaria qualquer emprego, grande ou pequeno, e o joven estava firmemente resolvido a ser fiel ao seu juramento. Passaram-se annos, e D. Fernando estava homem. No anno de 1611, justamente hoje faz dez annos, completou os dezenove, bello como seu irmão. Nesta epocha, sem motivo conhecido, D. Fernando cahiu em profunda melancholia. O castello velho, em que tinha passado a sua adolescencia, perdeu para elle todos os encantos; frequentes vezes foi visto no alto de uma rocha olhando para o lado do Escorial. O pai que o amava como um pai de sessenta annos ama o seu filho unico, a esperanza e consolação da sua velhice, o herdeiro do seu nome, o ultimo ramo da sua nobre familia, muito se inquietou com esta mudança, e procurou todos os meios para descobrir a causa; mas Fernando guardou inviolavel o seu segredo.»

Um dia Fernando approximou-se de seu pai, com rosto menos assombrado que de costume, a pedir um favor. Ainda nunca havia visto uma corrida de touros, e até á sua solidão havia chegado que haveria uma festa destas no dia 31 de março de 1611, em Madrid, na praça maior, para celebrar o anniversario do casamento de V. M. Não era desculpavel que D. Fernando a desejasse ver? O conde quando ouviu a petição de seu filho, suspirou, e disse: Filho, queres deixar teu pai para ir á residencia d'elrei: peço-te que percas essa idéa. Não sabes que não podes dar um passo em Madrid sem pisares os mesmos logares por onde o pobre Sancho foi conduzido ao patibulo? As mulheres velhas de Madrid não reconhecerão em ti as feições de teu irmão? e ouvirás sussurrar: «este é o irmão de D. Sancho, o fidalgo moço, que morreu ás mãos do carrasco.» Filho, peço-te que não vás a Madrid. Madrid é de máu agouro para a nossa familia, e quem sabe se jámais voltarás.»

Mas a mocidade ás vezes é tão pertinaz como inconsiderada nos seus planos: e D. Fernando respondeu:

«Meu pai, se me deixardes ir ver os touros, eu vos direi o que desejais saber, e que tenho occulta-

do até agora: meu pai, é um grande segredo. — Então disse o pai: Se te resolves a communicar-me o motivo da tua melancholia, então talvez me resolva a deixar-te ir ver os touros a Madrid.»

«De certo? meu pai, então contarei tudo.» Neste logar Fr. Ambrosio hesitou como incerto se devia continuar; mas obedeceu a um aceno d'elrei.

«O que D. Fernando disse foi o seguinte: Um dia uma tempestade o surprehendêra na caça, e o obrigára a refugiar-se debaixo de uma arvore grande bem conhecida dos caçadores: apenas se tinha abrigado quando ouviu no fim da matta gritos de soccorro, e logo de mistura patadas de cavallo. D. Fernando guiou-se pela bulha e viu um espectáculo triste. — Uns cincoenta passos distante viu vir um bello macho branco, ricamente ajaezado, que com espantosa rapidez, coberto de espuma e sangue, se approximou logo de um precipicio sobre o rio, arrastando comsigo uma dama desmaiada. A infeliz sem duvida tinha procurado deitar-se do macho abaixo, mas, o vestido embaraçando-se no estribo, ficou suspensa do apparelho. Havia já muito curto intervallo a percorrer para se precipitarem ambos no Mançanares, que no fundo do abysmo corria em ondas açoutadas pela tempestade, e onde a morte era inevitavel. Á vista de tão terrivel perigo D. Fernando foi trespassado. Sem se lembrar do perigo a que elle proprio se ia expôr, lançou-se diante do macho, e teve a fortuna de agarrar com mão firme a dama, e toma-la nos seus braços.»

O macho deu um salto como furioso, o vestido rasgou-se a tres passos do precipicio, D. Fernando segurou o corpo da mais encantadora dama, meia morta de susto, em quanto com medonho estrondo o macho se precipitou no abysmo, misturando a sua voz com o ruido da tempestade e das ondas.

Logo que a desconhecida dama tornou a si e se viu salva, ajoelhou para agradecer a Deus, depois apertou a mão ao seu salvador com signaes da mais viva gratidão. Mas neste momento se ouviram trombetas já perto; ella estremeceu, e como abalada subitamente por uma flexão desagradavel, retirou a mão e disse em voz meia apagada:

«Quem quer que sejais, fugi: não vos demoreis nem mais um instante ao pé de mim. Fugi, fugi, tão depressa como poderdes: e eu peço a Deus que ninguem saiba o que aconteceu, e o que por mim fizestes. Ó meu Deus, estremeço; talvez que já vos tenham visto. Elles ahí vem; não ouvís as vozes, e os passos dos cavallo. Fugi: adeus, adeus; não me esqueçais.»

«Ó reverendo padre — interrompeu aqui innocentemente a princeza — é muito interessante esta historia: creio que todos os presentes são da minha opinião.» E logo continuou em voz baixa: «Vedes a attenção com que elrei escuta?»

«Senhora — disse com ar de frieza Fr. Ambrosio — ainda não acabei. No momento em que D. Fernando contava a seu pai como a bella desconhecida, a quem elle salvára a vida, tinha desapparecido; como da nobreza das suas maneiras e da riqueza do seu traje, elle devia suspeitar que era dama de alta jerarchia; como desde este momento ella ficára sendo o unico objecto dos seus pensamentos e sonhos, e como desejava ir ver os touros a Madrid só na esperanza de a tornar a ver — bateram na porta da sala; e o alcaide da côrte, acompanhado d'uma multidão de esbirros, chegou-se a D. Fernando, tocou-lhe com a sua vara branca e disse:

«Em nome d'elrei, eu prendo a ti, D. Fernando de Peñacerrada, como criminoso de leza-mages-tade.»

«Senhor alcaide — balbuciu o conde — que fez elle? de que crime é accusado?» — «Tocou o corpo sagrado da rainha.»

O ancião não derramou uma lagrima; mas quando D. Fernando o quiz abraçar pela ultima vez, então lhe disse: Agora, meu pobre filho, agora podes ver Madrid, a cidade real.» — Neste momento exclamou elrei tiritando de frio: «O ar deste quarto é gelado; Medina Coeli, não te disse que mandasses renovar o brazeiro?» — Este respondeu: «Assim se fez.»

«Não vedes, — disse Isabel de França á camareira-mór — não vedes que elrei está cada vez mais pallido?»

«É verdade; — respondeu a camareira-mór — S. M. ainda não está inteiramente restabelecido da sua ultima indisposição; não devia ter-se demorado tanto: mas o padre vai continuar.»

«O tribunal dos alcaides da cõrte é severo quando se trata de executar as leis, de defender as pessoas reaes de desacatos, até dos mais involuntarios, leaes e uteis. O tribunal tem razão. Não é verdade? Tocar no corpo da rainha é prohibido de baixo de pena de morte. D. Fernando tinha-o tocado, D. Fernando devia morrer, assim disse a sentença. Quando esta noticia chegou ao conde este beijou o chão, e exclamou: Meu Deus, misericordia! Ainda regava o chão com lagrimas quando recebeu um recado da rainha, deste theor: Conde, vosso filho salvou a rainha, a ella compete salva-lo. S. M. me ordena que vos diga que hade empregar tudo que for possivel para salvar D. Fernando da sorte que lhe está destinada, ou que o acompanhará na morte.»

(Continuar-se-ha).

Botanica.

PALMEIRA ARÉCA DAS ANTILHAS, OU AREQUEIRA.

A ARÉCA é uma especie de palmeira cujo cume se termina em feixe de folhas semiabertas, e compridas quasi dez pés. Estas folhas abarcam umas ás outras na sua base por meio de uma bainha, cujas bordas superiores parecem franjadas, ou tecidas de fibras laxas, que se cruzam á maneira de talagarça grossa. Um pouco por baixo deste feixe de folhas sahem algumas espathas de comprimento quasi de tres pés, inchadas no meio, lisas, verdeongas, e que abrindo-se dão nascimento a panículas, ou espádices de flores esbranquiçadas.

Não sómente é para lhe aproveitarem a madeira do tronco, de que fazem calhas e tubos, que cortam a aréca; mas tambem para lhe tirarem o repolho, ou olho de cima. Quando a arvore está no chão, cortam-lhe a cabeça dois ou tres pés e meio por baixo do lugar aonde nasce o feixe das folhas, e depois que a esta parte tiram o exterior, achase-lhe no centro o repolho, composto de partes folhosas, arrançadas em forma de leque fechado, brancas, tenras, delicadas, e de gosto que se parece ao da alcachofra; comem-se cruas, em salada com mólho de pimenta e vinagre, ou cozidas de diferentes modos, e tambem fritas.

Os naturaes do paiz usam ainda da aréca para

outro modo de sustento. Quasi todas estas arvores logo que estão cortadas attrahem de muito longe uma multidão de grandes escaravelhos pretos, que se introduzem por baixo da casca na parte menos dura, alli depositam os seus ovos, que produzem larvas grossas, de uma pollegada, com que os que dellas gostam se regalam, depois de as fazerem assar, enfiadas em pequenos espetos de páu.

Por meio de uma incisão feita no tronco da aréca obtem-se um vinho mais estimado ainda que o do coqueiro, e que se não faz vinagre senão passados tres dias.

SAGUEIRO, OU PALMEIRA DO SAGÚ.

É OUTRA especie de palmeira, cuja medulla dá um excellente alimento. Quando as folhas desta palmeira se vêem cobertas de um pó esbranquiçado, effeito de uma plethóra [abundancia] farinacea, e que muitos espinhos tanto do cume da arvore como das folhas começam a cahir, são signaes para se tirar a medulla com abundancia. Para esta operação deita-se ao chão o sagúeiro, corta-se em muitos troços, ou pedaços de sete pés de comprimento, e racham-se em quartos. Arranca-se-lhes a medulla, despojam-se dos seus envoltorios, esmaga-se, e mettem-se em uma especie de cortiço um tanto afunilado, e ajustado sobre uma peneira de cabelo, e se lhe lança agua. Atravez desta peneira passa a massa do sagú bem agitada na agua; as fibras que ficam dão-se aos porcos. Deixa-se repou-sar no vaso posto debaixo da peneira a agua que contém a medulla reduzida a papas muito diluidas, vasa-se a agua depois brandamente, e no fundo do vaso acha-se a *fecula* branquissima, e finissima, em forma de papas, que depois se secca por porções mettidas em cestos cobertos de folhas. Mas para esta massa se conservar mais tempo, é preciso faze-la passar pelos buraquinhos de umas certas bacias de barro muito esburacadas, fazer-lhe assim tomar a forma de grãosinhos, e depois seccar estes ao fogo. Tambem com esta massa molle se formam pães da grossura de um dedo, e de meio pé quadrado.

As folhas da palmeira do sagú tem ainda mais a vantagem de se cobrirem de uma penugem, de que se fazem pannos; tambem servem para cobrir as casas: as suas nervuras são proprias para fabricar cordas. O tronco ferido por incisão dá tambem um licór agradável: e a sua medulla nutritiva a faz muito mais util ainda do que a palmeira do côco.

A gratidão deu origem ás armas d'uma cidade. — Quem entrar em Dordrecht pela porta que deita para o rio Mosa póde ver na volta do arco o escudo d'armas, que representa uma rapariga mugindo uma vacca: nas moedas cunhadas nesta cidade achase o mesmo emblema: o que tem sua origem no seguinte facto. — No decurso das guerras da independencia dos Paizes-Baixos, quizeram os hespanhoes saltar de subito Dordrecht, que sabiam estar despercebida: quiz o acaso que a creada de um lavrador dos arrabaldes, indo pela tarde ordenhar as vaccas, observasse entre moitas os soldados emboscados; teve porem resolução e prudencia para proseguir em seu caminho e tarefa, fingindo que tal não vira; de volta ao casal deu parte ao amo, que avisou os da cidade, que abrindo os diques inundaram o terreno, salvando-se da surpresa.